

## O ACESSO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS ESCOLAS

Renato João Ferreira da Silva

*Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: [renatojoaoferreira19@gmail.com](mailto:renatojoaoferreira19@gmail.com)*

Gerliane Rocha de Araújo

*Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: [gerliane16@gmail.com](mailto:gerliane16@gmail.com)*

### Resumo

A pesquisa foi realizada a partir de estudos na disciplina de Estágio Supervisionado III e no curso de extensão Educação Inclusiva, ofertados pelo curso de licenciatura em matemática da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Objetivou conhecer o histórico de uma escola pública estadual do interior de Pernambuco sobre inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais e investigar quais os recursos e atividades que a escola fornece e promove para o acolhimento e o auxílio desses estudantes a fim de uma educação mais emancipatória. Para tal fim, foi realizada uma entrevista semiestruturada com perguntas bases feitas a três membros da equipe pedagógica da escola campo de pesquisa. É de suma importância que a escola cumpra seu papel de educar o sujeito para a vida social capaz de ser um cidadão crítico na sociedade, e para isso é necessário que ela não limite os alunos a atividades rotineiras que não propiciem experiências enriquecedoras. Constatamos que a escola aqui pesquisada vem trabalhando a questão da inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais há alguns anos, e esta inclusão é feita de forma progressista, de início verifica-se através do laudo médico qual o tipo de deficiência tem o estudante para, posteriormente, ser desenvolvidas atividades específicas para o tipo de necessidade que ele possui, estas atividades são desenvolvidas na sala de Acompanhamento Educacional Especializado (AEE), que é equipada com diversos tipos de recursos didáticos e especializados que ajudam no desenvolvimento de algumas atividades que venham a ser realizadas pelo estudante.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva. Acolhimento. Acompanhamento especializado.

### Introdução

Os estudos sobre educação inclusiva vêm ganhando cada vez mais espaço no contexto acadêmico, ressaltando a importância e necessidade de se pesquisar sobre a temática. É possível perceber na sociedade discursos e práticas sociais imbuídos de valores, concepções e crenças, no que se refere à inclusão de pessoas com necessidades especiais, inclusive discussões sobre que papéis e que carreira profissional esses sujeitos podem ou não seguir.

No curso de Matemática – Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE – CAA) ao qual cursamos, há uma preocupação quanto à formação dos futuros e futuras docentes da educação básica sobre trabalhar a matemática em uma perspectiva inclusiva. Porém, em seu perfil

curricular, possui apenas uma disciplina obrigatória, LIBRAS I, e que tem como objetivo estudar a Língua Brasileira de Sinais e as dificuldades que as pessoas surdas têm em seu dia a dia. As demais disciplinas fazem apenas uma pequena citação da importância de se pensar em uma educação inclusiva.

É comum escutar entre professores, da área da matemática pura, discursos que afirmam que as instituições deveriam se preocupar com outras questões mais importantes, além de sempre falarem que os estudantes têm que pesquisar e saber mais sobre matemática, ou seja, dando mais importância a um tipo de conhecimento em detrimento de outro, neste caso a supervalorização dos conhecimentos matemáticos do que os pedagógicos ou de humanas. Essas associações entre educação inclusiva e matemática acabam gerando alguns conflitos e tensões, que não estão apenas lá na universidade, mas que vão se fazendo e refazendo, constantemente, nas nossas práticas sociais do cotidiano, seja de forma consciente ou não.

Assim, surgiu o interesse de conhecer como vem se dando a recepção das escolas para com pessoas com necessidades especiais. Essa ideia foi desencadeada durante o estágio supervisionado III obrigatório do curso de graduação, juntamente com o curso de extensão sobre educação inclusiva, no qual tivemos contato com dados fornecidos pelo Censo Escolar de 2017, no qual afirma que as escolas da rede pública têm sido mais inclusivas, mas poucas estão preparadas para receber estes alunos. Por isso, decidimos conhecer os relatos dos membros de uma escola estadual do interior de Pernambuco sobre como a escola está preparada para receber as pessoas com necessidades especiais.

Portanto, o objetivo deste trabalho é conhecer o histórico de uma escola sobre inclusão dos estudantes com necessidades especiais e investigar quais os recursos e atividades que a escola fornece e promove, respectivamente, para acolher e auxiliar os estudantes com necessidades especiais a ter uma educação mais emancipatória. Através do relato da vivência profissional da equipe pedagógica de uma escola do interior de Pernambuco.

## **Educação Inclusiva**

Foi a partir do final do século XIX e o início do século XX, com o advento do movimento de direitos humanos, que as discussões sobre o tema da educação especial e educação inclusiva entre pessoas com e sem necessidades surgiram. O movimento de direitos humanos caracteriza-se como um campo plural, constituído por diferentes lutas, debates e conquistas situadas em tempos e espaços específicos.

De acordo com Carvalho (2000), os mais significativos conflitos e transformações, no decorrer da história, aconteceram no final do século XX no contexto da educação especial presente no Brasil desde o período imperial. Foi neste contexto que surgiram expressões do tipo “Educação para todos”, “Todos na escola”, “Escola para todos”. No entanto, Pestalozzi e Froebel pregavam a ideologia da educação inclusiva na qual podemos ver em afirmações do tipo “respeito à individualidade de cada criança”, desde o século XVIII (CARVALHO, 2000, p.145).

No final do século XX tivemos algumas transformações sociais que garantiram o direito e permanência de pessoas com necessidades especiais de ter acesso a escolas comuns. Em 1988 a Constituição Federal no Artigo 205 fala da educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No Art. 206 estabelece “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” e no Art. 208 garante a oferta de Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na rede regular de ensino. Posteriormente tivemos a declaração de Salamanca sobre a inclusão de crianças sem distinção:

(...) escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados (Declaração de Salamanca, 1994).

Além desses, temos a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB nº 9394/96, que no seu Art. 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos estudantes currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades; assegura a terminalidade específica àqueles que não atingiram o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e a aceleração de estudos aos superdotados.

Neste contexto vimos que se faz necessário que a escola e os que a compõem: professores(as), equipe técnica e pedagógica, gestor(a), coordenadores(as) etc. estejam abertos para trabalhar com essas pessoas com necessidades especiais, fornecendo desde recursos metodológicos à uma educação humana. Segundo Carvalho (2004):

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando um sistema educacional que reconheça e atenda

às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresentam dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento (p. 29).

Assim sendo, em uma escola de fato inclusiva, todos os alunos participam ativamente das atividades propostas sem discriminação. É importante que a escola não prive os alunos com necessidades especiais de terem experiências significativas e enriquecedoras.

## Metodologia

Este trabalho baseia-se numa abordagem qualitativa da pesquisa em educação. Segundo Bauer e Gaskell (2002), a pesquisa qualitativa foi considerada, tradicionalmente, apenas no estágio exploratório do processo de pesquisa, com o objetivo de se desenvolver mensurações ou sensibilidade com o campo de pesquisa.

Nela se evita números, lida com exploração e explicação, tendo como foco interpretações dos fenômenos sociais do mundo em que vivemos, e também necessita “[...] desenvolver *equivalentes funcionais*.” (Bauer e Gaskell, p. 27, grifo do autor).

Para alcançar os objetivos desejados, o *corpus* deste estudo será constituído por transcrições de entrevistas do tipo semiestruturada, feita com a equipe pedagógica de uma escola estadual do interior do estado de Pernambuco (PE).

Segundo Demo (1995) a entrevista semiestruturada é uma atividade científica que fornece ao pesquisador descobrir a verdade. Por sua vez, Ludke e André (1986, p. 34), afirmam que a entrevista do tipo semiestruturada: “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

É importante ressaltar que o roteiro de entrevista seja organizado com perguntas principais, complementando-a por outras questões relativas às circunstâncias momentâneas à entrevista. Nesse tipo de entrevista pode vir a surgir novas informações, permitindo que os entrevistados sejam mais espontâneos (MANZINI, 1990/1991, p. 154).

As entrevistas foram realizadas com o auxílio do gravador do celular ASUS Zenfone Live e transcritas. Todos os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Livre Consentimento, dando autorização para sua participação nos estudos.

## Resultados e Discussões

Nesta parte do trabalho apresenta-se a discussão do corpus da pesquisa, através do diálogo com os estudos citados em nossa fundamentação teórica. Na perspectiva aqui adotada, conhecer, pesquisar e escrever tem sentido provisório e situado, pois qualquer verdade ou certeza (incluindo, obviamente, as nossas) está ancorada no que é possível conhecer num dado momento (Louro, 2004, p.7).

Dividimos esse tópico em duas partes. Na primeira delineamos o perfil da equipe técnica da rede estadual da região onde realizamos nosso estudo. Na segunda discorremos sobre os discursos produzidos pela equipe pedagógica, dando destaque especial a temas como: Pessoas com necessidades na escola, a escola como campo de acolhimento, Educação inclusiva e metodologias de ensino.

### Os/as participantes do estudo

Com a finalidade de apresentar os/as participantes deste estudo, construímos o quadro 1, destacando suas idades, gênero e aspectos ressaltados em sua autodescrição e os motivos que o/a levaram a exercer a docência nesta área. Com o objetivo de preservar a identidade dos/as voluntários/as que participaram das entrevistas, foram conferidos códigos para nos remeter aos/às mesmos/as. Atribuímos a letra P seguida de um número para representar cada professor/a participante.

**QUADRO 1** - Descrição dos/as docentes participantes do estudo.

Código	Idade	Gênero	Autodescrição
P1	34	Feminino	Assistente de gestão formada em Pedagogia, atua há 10 anos, nasceu em Bezerros – PE, casada, católica, classe média baixa.
P2	52	Feminino	Coordenadora pedagógica e Acompanhante de Educação Especial, formada em Pedagogia, atua há 24 anos, Divorciada, católica, classe média baixa.
P3	49	Feminino	Coordenadora pedagógica formada em Pedagogia, atua há 15 anos, nasceu em Camocim de São Felix – PE, Divorciada, católica, classe média baixa.

Fonte: O autor

É importante observar que todas as participantes são do gênero feminino, por isso a partir de agora iremos nos referir aos sujeitos da pesquisa no feminino, é importante ressaltar que na escola aqui investigada apenas duas participantes da pesquisa estão a mais de dez anos trabalhando nela, P2 e P3. Já P1 está trabalhando nessa escola a menos de dois anos.

### **Discursos sobre educação inclusiva em circulação entre a equipe técnica**

Para as transcrições das entrevistas utilizamos algumas representações sugeridas por Marcuschi (2003) e descritas no Quadro 2.

**QUADRO 2 – Símbolos para transcrição e suas representações**

SÍMBOLOS	REPRESENTAÇÕES
(+)	Pausas e silêncios são indicados entre parênteses: em pequenas sugere-se usar um sinal + para cada 0.5 segundos; para as pausas além de 1.5 segundo, cronometradas, indica-se o tempo.
(incompreensível)	É comum não entendermos uma parte da fala e/ou ficarmos com dúvida. Neste caso podemos marcar o local com parênteses e indicar com a expressão incompreensível.
/	Utilizado quando um falante corta uma unidade, ou quando alguém é bruscamente cortado pelo parceiro.
LETRA MAIÚSCULAS	Indica que uma sílaba ou uma palavra é pronunciada com ênfase ou recebe acento mais forte que o habitual.
:	Coloca-se dois pontos, quando há um alongamento da vogal, os dois pontos podem ser repetidos dependendo da duração.
(( ))	Usam-se parênteses duplos para comentar algo que ocorre (no local da ocorrência, imediatamente antes do local que ocorre, ou entre uma fala e outra).
”	Utiliza-se aspas duplas para uma subida rápida.
’	Utiliza-se aspas simples para uma subida leve.
Repetições: reduplicação da letra ou sílaba.	Indica repetições, reduplica-se a parte repetida.

... ou /.../	O uso da reticências no início, no meio ou no final de uma transcrição indica que está transcrevendo apenas um trecho, ou um corte na produção de alguém.
--------------	---

Durante as entrevistas foi perceptível que falar sobre educação inclusiva e educação já é algo muito recorrente entre as entrevistadas apesar delas não terem tido muito contato durante sua graduação. Foi comum ao longo das entrevistas, que todas as participantes tinham conhecimento sobre este tema e se mostraram muito à vontade para falar sobre o assunto.

Das entrevistas apenas uma, a P2, participou de cursos de formação específica na área de educação inclusiva, esta contou que fez um curso voltado para a alfabetização de estudantes surdos e mudos, e assistiu a algumas palestras sobre a questão da inteligência emocional, afeto e autoestima das pessoas com necessidades especiais.

*sim, fui para duas formações uma promovida pelo governo do estado de Pernambuco que tinha como objetivo a questão da alfabetização das pessoas surdas e cegas e a segunda foi algo sobre as pessoas surdas e a sociedade, nesta foi explorada o lado da socialização dessas (+) pessoas e a valorização de sua autoestima. (P2)*

### **Pessoas com necessidades especiais na escola**

Ao ser questionado sobre como é o histórico da escola e dos estudantes com necessidades especiais (Cego, Surdo, Com Síndrome de Down, Autista, problemas intelectuais, transtornos globais etc.) P1 e P2 nos dizem:

*P1: (3.5) tivemos estudantes com os mais diferentes tipos de necessidades especiais com/ (+) por exemplo, aluno com esquizofrenia, epilético e com deficiência física. (++) mas não temos nenhum estudante especial, este ano, só um, mas este é deficiente físico e não é tão dependente como os que já tivemos...ele só precisa de ajuda para servir o almoço.*

*P2: (+) a escola já teve vários, mas nos últimos anos tive três alunos, o primeiro foi um que NÃO TINHA laudo médico, mas possuía uma declaração de psiquiatra, (++) ele possuía déficit de atenção e retardo mental, ou seja, ele demorava mais para entender um tipo de::: conteúdo... ele não gostava de vim para o acompanhamento especial, porque acho ele não aceitava de ter um acompanhamento especial e porque aos outros estudantes/ que praticava bullying com ele. (+) Outro aluno tinha epilepsia e tomava dosagem de remédios muito forte e por causa disso (++) atrapalhava::: seu rendimento escolar/ ele depois começou a aparecer AQUI no acompanhamento, mas não queria fazer as atividades escolares (+) queria que*

*eu fizesse por ele as atividades, mas como expliquei que isso não faria, pois minha função não era essa, ele deixou de frequentar. O terceiro apresentou laudo médico (++) que diagnosticava ele como esquizofrênico e bipolar, mas ele não apresentava os sintomas que esses transtornos trazem, porque acho que tomava os remédios à noite (+) e acho que estes remédios amenizavam os sintomas, eu não sou médica mas ele apresentava um quadro de hiperatividade muito alta, (++) ele não parava um minuto. Ele não frequenta a sala de AEE, pois ele não queria ser tachado de “doido” “maluco”, e acho que os outros estudantes zombarem dele por frequentar a sala do AEE, (++) praticava bullying e até mesmo preconceito com os estudantes diferentes o que deixava ele com vergonha de frequentar a sala de acompanhamento especial.*

Podemos ver que a escola tem recepcionado alguns estudantes com diferentes tipos de necessidades especiais, na fala de P2 podemos ver que os estudantes que participaram do acompanhamento especial têm de certa forma medo de sofrer algum tipo de discriminação, ela ainda fala sobre a questão da não aceitação dos estudantes por serem diferentes dos demais, no entanto cabe à gestão escola:

fomentar atitudes pró-ativas das famílias, alunos, professores e da comunidade escolar em geral; superar os obstáculos da ignorância, do medo e do preconceito; divulgar os serviços e recursos educacionais existentes; difundir experiências bem sucedidas de educação inclusiva; estimular o trabalho voluntário no apoio à inclusão escolar. (BRASIL, 2001, p. 37-38)

Quando questionadas sobre se já tiveram algum aluno surdo ou cego P1 diz que não sabe, pois está na escola a menos de dois anos, já P2 e P3, que estão há mais tempo nesta escola, disseram que nunca tiveram estudantes com esse tipo de necessidade especial. Como a escola é uma escola estadual de ensino médio, este relato da baixa de matrículas de estudantes com necessidades especiais coincide com o Censo Escolar (2010).

De acordo com o Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC) de (2010), no Brasil, tinham 522.978 alunos matriculados no ensino fundamental (1º a 9º), dos quais apenas 5% ingressam no Ensino Médio, ou seja, aproximadamente 28.667 estudantes com necessidades especiais. No entanto, os dados do Censo Escolar de 2017 mostram que o índice de inclusão de pessoas com deficiência em classes regulares tem aumentado, em 2013 o índice era de 85,5% já em 2017 é 90,9%. Por outro lado, nem todos os estudantes com necessidades especiais têm acesso ao atendimento educacional especializado, somente 40,1% utilizam o serviço. O que revela que nem todas as escolas regulares estão preparadas para

receber estes estudantes e proporcionar uma aprendizagem significativa.

### **A escola como campo de acolhimento**

Ao falar sobre como é a recepção da equipe pedagógica e da escola para com pessoas com necessidades especiais P1 e P2 afirma:

*P1: (+) quando sabemos que: o estudante tem algum tipo de necessidade especial, pedimos que a família apresente um laudo médico para que possamos definir que tipo de acompanhamento este estudante precisa.*

*E: o que é feito neste acompanhamento?*

*P1:(++) estes estudantes têm um acompanhamento especial/ são desenvolvidas atividades especialmente para eles na AEE em um horário extraclasse/ exemplo temos um aluno com deficiência física para esse aluno temos uma pessoa para ajudá-lo a desenvolver algumas atividades para trabalhar a questão MOTORA de seu braço.*

*P2: (++) com acompanhamento temos como principal objetivo desenvolver as habilidades motoras e psicossociais dos/as estudantes e::: também trabalhar a autonomia, a socialização e a autoestima.*

Na fala de P1 podemos ver que seu discurso é mais técnico sistemático, devido ao fato de ser coordenadora e ter que seguir alguns protocolos, no entanto podemos ver que ela está ciente de ter um aluno com deficiência física e que este aluno precisa de uma auxiliar para desenvolver algumas atividades. Já na fala de P2 podemos ver como há uma preocupação tanto ao que se refere à aprendizagem de conteúdos como também a questão da valorização da autoestima do estudante.

### **Educação inclusiva e metodologias de ensino.**

Quando perguntadas sobre quais os recursos didáticos que a escola tem para oferecer para ajudar o desenvolvimento dos estudantes com necessidades especiais P1 e P3 disseram:

*P1: (++) bem temos a AEE/é uma sala especial equipada com computador adaptado para cegos, jogos didáticos, materiais manipuláveis/ para pessoas com algum tipo de deficiência especial. E lá tem a acompanhante de educação especial que desenvolve atividade com alunos com deficiência.*

*P3: (+++) nossos projetos permitem que o educando se sinta útil e valorizado, percebemos que estes' educando se revela, muitas vezes, de forma surpreendente, demonstrando talentos que estariam ocultos, se não lhes fosse dada tal oportunidade.*

Nestas duas últimas falas podemos destacar a questão dos recursos didáticos citados pelas entrevistadas, que vão desde materiais concretos a projetos que tenham como objetivos trabalhar as relações sociais desses estudantes, para que estes sintam-se valorizados e desenvolvam sua autonomia sendo protagonista na construção de seu próprio conhecimento.

### **Considerações Finais**

Discutir sobre educação inclusiva não é uma tarefa fácil, mas os estudos referentes ao tema estão ganhando forças nos últimos anos. As escolas precisam ser realmente inclusivas, e não apresentarem uma falsa inclusão, ou seja, apenas uma integração de alunos com necessidades educacionais especiais. A instituição precisa propor meios propícios para buscar suprir as necessidades que os alunos/as, com alguma necessidade especial, apresentam.

É de suma importância que a escola cumpra seu papel de educar o sujeito para a vida social capaz de ser um cidadão crítico na sociedade, e para isso é necessário que ela não limite os alunos a atividades rotineiras que não propiciem experiências enriquecedoras, pois na maioria das vezes não é o aluno que não tem capacidade de desenvolver-se, mas sim que ele não teve oportunidades para desenvolver suas habilidades.

Constatamos que na escola, aqui investigada, mostra que o processo de inclusão já vem sendo feito há alguns anos, no entanto, poucos estudantes com necessidades especiais ingressam no ensino médio, e os que alcançam este ciclo têm por muitas vezes vergonha de fazer o acompanhamento especial oferecido pela escola num horário extraclasse. Na maioria das vezes por receio/medo de ser tratado como diferente ou até mesmo de sofrer algum tipo de discriminação, mas é dever da escola trabalhar a aceitação (incluído a autoaceitação), o respeito e valorização dessas diferenças.

A escola possui um processo de recepção ao qual é pedido de início um laudo médico para saber qual o tipo de deficiência/necessidade que o estudante tem para depois serem elaboradas atividades específicas para esse estudante desenvolver. Além disso, a escola mostra ter um espaço (a sala de Acompanhamento Educacional Especializado – AEE) com recursos didáticos e especializados (computador adaptado, materiais manipuláveis, projetos etc.) para trabalhar com esses estudantes, com o compromisso de fornecer uma educação emancipatória que ajude cada vez mais os estudantes a desenvolver sua autonomia e autoestima.

## Referências

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p.39-63.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. LDB nº 9394, de 20 dez. 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Brasília, DF: Ministério da educação e Cultura. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

BRASIL. Parecer n.º 17, Diretrizes Nacionais para a Educação Especial, na Educação Básica. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2001.

CARVALHO, Rosita Edler. Temas em educação especial. 2. ed. Rio de Janeiro:WVA, 2000.

CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3.ed., São Paulo, Atlas, 1995.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Sinopse estatística da educação básica 2010. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-regular>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Sinopse estatística da educação básica 2017. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-regular>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever. In: ANPED SUL, 5, 2004. Texto apresentado..., Curitiba, 2004.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros. Depto de Educação Especial do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual São Paulo (UNESP), Marília, SP. 2004. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>; acesso em 16 de fev. de 2017.



MARCUSCHI, L. A. A transcrição de conversações. In: \_\_\_\_\_. Análise da Conversação. São Paulo: 2003.